

Cenas Musicais do Cotidiano: A Construção de Representações e Significados através da Música Marginal

Jair dos Santos Gonçalves
audio1produtora@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo originou-se de discussões e pesquisas da área da Educação Musical. Intencionou-se através deste, novas maneiras de interpretar cientificamente a produção musical informal do cotidiano, levando assim, a contribuir para o aprendizado musical em sala de aula, para que ali ocorram trocas de saberes e a construção de uma nova dialética para o ensino de música. Procurou-se observar cenas musicais produzidas nas ruas, muitas vezes vista pejorativamente pelos setores mais privilegiados da sociedade como arte e cultura marginais e de que forma estas podem ser utilizadas como recurso didático. Através das cenas musicais observadas, procurou-se analisar também de que forma estão interligadas as aprendizagens de música e as teorias do cotidiano, pensando que isto possa fazer parte das abordagens científicas e ainda, que os educadores musicais atentem mais para este contexto, a cada dia mais proeminente.

Palavras-Chave: Educação Musical, Teorias do Cotidiano, Música Informal.

INTRODUÇÃO

Através de amplas discussões, vivências e estudos na área musical, estendendo o diálogo para a área da educação, percebeu-se a necessidade de um estudo da produção musical informal, fundamentando-se em teorias e pesquisas nas quais se busca a valorização do contexto sócio-político-cultural em que se inserem os indivíduos, sendo que através das narrativas das histórias de vida (história oral), da sociologia do cotidiano (estudos dos fenômenos da vida social), possam ser construídas novas metodologias de pesquisa e conseqüentemente novas idéias para a educação.

Freire apud Passetti (1998) aborda o assunto da oralidade, a maneira como utilizou a metodologia e o cotidiano de seus educandos em seu trabalho de educador popular:

Quando me perguntava sobre isso, como poderia elaborar essa questão de método, eu me lembrei de que poderia buscar nos discursos populares uma discussão, partindo do concreto deles, e que os levasse a uma compreensão, de um lado, do mundo natural, e de outro, do mundo social (incisivamente). O homem e a mulher como fazedores da cultura através da transformação do mínimo que fosse do mínimo natural e expressando essa cultura na oralidade que é também cultura. (FREIRE apud PASSETTI, 1998, p.53)

Souza (2008, p.7) argumentando que “na contemporaneidade, discussões sobre aprendizagem e ensino permeiam quase todos os níveis e setores de nossa sociedade e têm um

lugar seguro tanto nas conversas diárias como nos debates científicos” justifica a importância de pesquisar e valorizar o cotidiano, as histórias de vida dos seres sociais enquanto aprendizes de música, sendo que elabora o livro “Aprender e ensinar música no cotidiano” justificando que “a intenção deste livro é discutir como a aprendizagem e o ensino musical podem ser compreendidos a partir da perspectiva das teorias do cotidiano.

Louro apud Souza (2008) enfatiza a importância de aproximar o ensino musical da realidade do educando, ou seja, que o educador deve dialogar com esta realidade ao explicar que:

Cabe ressaltar que o uso de um repertório proposto pelo aluno é uma busca de diálogo. A partir dessa música significativa, podem ser reconstruídos novos significados que abrangem, entre outros, um olhar crítico sobre os conteúdos veiculados e sua relação com uma “realidade social” mais ampla provavelmente repleta de necessidades humanas urgentes. (LOURO apud SOUZA, 2008, p.275)

Louro apud Souza (2008) sugere ainda, mais diálogo com as “realidades musicais” dos alunos, objetivando assim, que o ensino e aprendizagem de música sejam facilitados.

Através da valorização das histórias orais, do cotidiano social (focalizando as formas de produção cultural informal) e da discussão em torno da inclusão sócio-político-cultural, esses pensadores contribuem para que a “realidade social” seja discutida dentro da universidade e instituições de ensino, podendo inspirar a produção científica e o surgimento de novos conhecimentos.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Os objetivos deste estudo são a observação e interpretação de cenas musicais do cotidiano, que podem servir como elementos pedagógicos ao contextualizá-los em sala de aula, incentivando desta forma o debate sobre a inclusão cultural.

Este estudo é fundamentado nos estudos de Souza (2000; 2008), Freire apud Passetti (1998) e Louro apud Souza (2008) que enfatizam a história oral, a educação voltada para o contexto sócio-político-cultural do educando, a Sociologia do Cotidiano, na qual estes autores colocam em ênfase o lado mais informal da educação e da produção cultural. Neste estudo pretende-se contextualizar as manifestações culturais musicais.

A metodologia consistiu também em diversas observações e interpretações de cenas musicais ocorridas em cidades do Rio Grande do Sul.

DESCRIÇÃO DE CENAS MUSICAIS

Cena musical 1: torcida organizada dentro de um Trem Urbano

Em agosto do ano de 2008, na linha metroviária da Trensurb sentido Porto Alegre - São Leopoldo, alguns torcedores de time de futebol entraram no trem e começaram a cantarolar hinos de torcida organizada, fazendo ritmos batendo nas paredes do trem.

Houve naquela ocasião, diferentes reações dos passageiros que estavam dentro do trem entre elas percebia-se ansiedade, medo, nervosismo e pânico (havia uma senhora de idade que demonstrou certo medo da situação), outros apoiaram batendo os pés e batucando com as mãos sobre os bancos.

A cena transitava entra a normalidade e a “baderna”.

Os murros dos jovens nas paredes do trem que naquela ocasião servia de tambor, a reação das pessoas e a música na forma de grito de torcida se tornaram os objetos de estudo para este trabalho.

Cena musical 2: Dois meninos de rua cantando por um “trocadinho”

Em outro momento, dentro da linha metroviária da Trensurb, observei que entraram dois meninos que vestiam-se muito simples, com roupas velhas, rasgadas e sujas. Permaneceram alguns momentos em silêncio e logo em seguida um deles falou:

Eu e meu irmão aqui estamos com muita fome, mas não viemos aqui pra pedir esmola, nós vamos cantar duas músicas, uma do Zezé e outra do Daniel, e depois se os senhores gostarem podem nos ajudar com qualquer trocado. Nós temos em casa uma irmãzinha doente e precisamos ajudar nossa família, por isso estamos aqui para cantar pra vocês e depois com o “troquinho” que a gente conseguir, queremos ajudar nossa família.

Ao término das duas canções, eles passaram de pessoa em pessoa, com suas mãos quase que como em tom de prece, pedindo o cachê pela sua rápida apresentação dentro do vagão daquele trem. Desembarcaram na estação na próxima estação com aquelas poucas moedas recebidas como pagamento do “show”.

Cena musical 3: Um senhor negro, bêbado, maltrapilho e mal agasalhado, tremendo de frio, sentado ao chão próximo a uma parada de ônibus no inverno em Santa Maria RS

A cena seguinte foi coletada e filmada em uma parada de ônibus numa noite de inverno rigoroso em Santa Maria – RS. Pareceu que aquele senhor sentiu, não posso explicar como, se por intuição, que ele estava sendo observado pelas pessoas com seus olhares que o condenavam mais ainda a um certo tipo de tortura social. Olhares que pareciam temer algum mal vindo de uma pessoa num risco social tão imenso ali sentada ao chão e que tinha apenas alguns versos pra oferecer para as pessoas que lhe condenavam pelos olhares.

Em gratidão a essa exclusão social, o velho maltrapilho, como que se quisesse agradecer tamanha bondade proferiu de sua boca, amargas palavras em forma de tristeza e desabafo, como que se quisesse passar para as pessoas um pouco de sua história de vida. Mais adiante ele parava e fazia comentários de sua vida. Toda a cena se transcreve assim:

Na noitada eu não peço arrego, sou vagabundo sem rumo e sem destino... A balada é minha terra, a balada é meu irmão... e na noitada eu não quero arrego, sou vagabundo sem rumo e sem destino. A balada é minha terra a balada é meu irmão... Na noitada eu não quero arrego, sou vagabundo sem rumo e sem destino. A balada é minha terra a balada é meu irmão... Sou da noitada e eu não tenho arrego, sou vagabundo sem rumo e sem destino... A balada é minha terra a balada é minha mente, sou vagabundo sem rumo e sem destino. A balada é minha terra a balada é minha mente, Sou vagabundo sem rumo e sem destino. A bala é minha terra, a bala é minha mente, sou vagabundo sem rumo e sem destino. A balada é minha terra a balada é minha mente, sou vagabundo sem rumo e sem destino. A bala é meu coração a balada é minha mente. Sou vagabundo sem rumo e sem destino.

Então ele parou. Pareceu que havia percebido que eu estava lhe observando. Parou e perguntou assim: “E você tem destino? E o futuro... Futuro de cachaceiro ou de maconheiro?” Então olhou para o alto resoluto e continuou dizendo: “Aí é que tá o futuro!” Depois baixa a cabeça demonstrando frustração, desconsolo e frustração. Parou por uns segundos olhando para o chão e continuou: “eu vou ficar bebendo aqui”. E com uma imensa tristeza, com tamanha dor e desconsolo seguiu dizendo “Desabando sozinho” Houve uma pausa e logo ouvi: “Desabando sozinho”. (pausa grande). Seguiu seu discurso dizendo “eu queria ser um ator mas o povo não me entendia” (breve pausa) “Finado doutor Raul Seixas”. Então conversou um pouco mais com algumas pessoas que passavam e só ouvi o som dos automóveis, caminhões e ônibus que passavam, soterrando a voz daquela bendita alma que até hoje não sei se está vivo ou morto. Só sei que no noticiário do mês da TV fiquei sabendo que um senhor de idade havia morrido de frio naquele inverno que foi um dos mais rigorosos e congelados. Até hoje não sei se aquele ser humano está vivo.

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA ENCONTRADA NO COTIDIANO

As manifestações musicais coletadas do cotidiano são importantes fontes de conhecimento, pois carregam em si representações sociais além de seus significados. São interpretações de vida, de sociedade, de política, de sujeitos em relação ao meio em que vivem. São formas retiradas do cotidiano que podem servir para educar conforme grifos de Souza (2000) em seu livro “Música, Cotidiano e Educação”:

Aprende-se tanto para si, pessoalmente como também visando as situações sociais e coletivas relacionadas com a música; e todas as situações cotidianas nas quais a música de alguma forma está integrada incluem componentes capazes de provocar a ação, como trabalho com o corpo, com instrumentos próximos ou com a voz. (SOUZA, 2000, p. 175)

A música produzida no cotidiano tem sua importância e principalmente se consideramos o contexto no qual ela está inserida.

Paradoxo música-violência na relação social de torcidas organizadas.

Ao analisar a primeira cena, nota-se um fenômeno social protagonizado por jovens que poderiam ser vistos como “agressivos” e “baderneiros. Devido a certa ousadia como ocorreu o fato, percebe-se que essa cena musical foi capaz de produzir nos passageiros reações antagônicas: sentimentos de ansiedade, pânico, alegria e comemoração. Revelou uma das grandes problemáticas do cotidiano na região metropolitana Porto Alegrense, que é a violência dos grupos e torcidas organizadas.

Pimenta¹,(2000, p.122) revela a forma como o fenômeno é observado e julgado pela sociedade e meios de comunicação em seu artigo “Violência entre torcidas organizadas de futebol”:

O presente artigo busca compreender o fenômeno da violência entre “torcidas organizadas”, a partir das justificativas de explicação dos atos de violências utilizadas pelas “autoridades públicas” e torcedores. Mostra, em síntese, que a violência produzida pelos grupos de torcedores é parte da dimensão cotidiana dos grandes centros urbanos na sociedade brasileira contemporânea, conseqüência do esvaziamento político-cultural- coletivo dos novos sujeitos sociais. (PIMENTA, 2000, p.122)

¹ Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9795.pdf>> Acesso em 05 de abr. de 2010.

Baseado nisto, pode-se pensar que o esvaziamento cultural provoca a banalização da violência e reveste o imaginário coletivo de “certos preconceitos”. Talvez por isso, o autor explica que:

Em outras palavras, o conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os grupos rivais. (PIMENTA, 2000, p.122)

Tal fato reflete como os meios de comunicação transformam a violência em espetáculo:

A violência vem ganhando parte significativa na agenda social, em especial nos veículos de comunicação de massa, parecendo assumir o epicentro das preocupações do poder público e do homem contemporâneo. No entanto, merece ser observada por outros ângulos cada vez menos policiais ou midiáticos, para evitar que seja utilizada, apenas, como cenário de “espetáculo” e “banalização” humana. (PIMENTA, 2000, p.122)

Através destas idéias, percebe-se a importância da música envolvida na cena descrita, pois através dela foi possível que se analisasse de forma mais consciente questões da juventude, violência, bem como a interpretação de um fato que parecia ser banal e passageiro transformando-o em fonte de dados para pesquisa sociológica do cotidiano.

A sobrevivência e o fato musical num contexto social de risco

A cena dos dois irmãos cantando e pedindo um “troquinho” foi uma das cenas mais significativas que presenciei pois revelam as “feridas” da sociedade, pois que aqueles dois irmãos estavam sendo negligenciados, naquele ato de puro desespero.

Tudo ali pareceu contraditório. Cantar por “uns trocadinhos”, “prostituído-se” de seu direito à infância, à família, à escola, de uma maneira tão inocente e brilhante. Ao cantarem eles revelaram o seu problema, um problema social, dos menores de rua, negligenciados nas capitais e cidades do interior, em troca de alguma dignidade e de alguns “trocadinhos”.

Tais atitudes dos meninos poderiam ser transformados em atos de “bravura”, “proeza”, programa dominical do Faustão, ao passo que se entende que na situação há um certo descaso da sociedade em geral, do poder público, dos segmentos políticos e educacionais não menos responsáveis e culpados por certa problemática social, conforme citação do autor:

Uma política eficaz de combate ao trabalho de crianças e adolescentes não pode colocar seu foco, unicamente, na repressão desta atividade, e sim em criar condições para que ela seja descontinuada. A principal destas condições é, sem dúvida, a melhoria do sistema educacional, e a criação de programas de geração de emprego e renda para as famílias. (Schwartzman, 2004, p.37)

Schwartzman (2004) em sua citação auxilia-nos a refletir sobre as formas de trabalho infantil sugerindo vontade e políticas públicas que possam resolver este problema social.

Desabando sozinho, num verso sem consolo, nuns versos carregados de tristeza de desabafo, de orgulho e frustração, pedindo quem sabe ajuda.

O velho negro repetia muito que era vagabundo sem rumo e sem destino, que a balada, que entendi noite, era sua vida, sua mente, seu irmão, seu coração. Num sentido metafórico dizendo para todos que ele era um cara sem lar, sem futuro, que o consolo dele era a balada, que naquele dia era a noite mais fria que eu já tinha visto em Santa Maria.

Ao ouvir ele dizer que era da noitada e não pedia “arrego”, sendo que isto na gíria dos malandros quer dizer ajuda, entendi um certo orgulho, uma certa identidade com a situação que estava vivendo, como se quisesse dizer para as pessoas que morar na rua para ele era a coisa mais normal, e que ele não estava nem um pouco interessado se as pessoas achavam feio ou bonito.

Mais tarde ele conta com tamanha propriedade que queria ser um ator, que o povo não lhe entendeu, talvez por isso “se atirou” na bebida, na vida marginal, no abandono de sua dignidade e moral. Sabe-se lá como faz pra sobreviver seus dias cruéis na balada, na noite que não lhe traz nenhum tipo de conforto nem abrigo.

Renato Russo, em sua Música Urbana 2, coloca uma situação em que os fatos do cotidiano lhe trouxeram uma grande inspiração, pois o que diz na letra da música é o reflexo de muitos lugares de nosso país, como percebe-se:

Em cima dos telhados as antenas de TV tocam música urbana. Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres cantam música urbana. Motocicletas querendo atenção às três da manhã: é só música urbana... Os PM' s armados e as tropas de choque vomitam música urbana... E nas escolas as crianças aprendem a repetir a música urbana! Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana. O vento forte seco e sujo em cantos de concreto parece música urbana. E a matilha de crianças sujas no meio da rua: música urbana. **E nos pontos de ônibus estão todos ali: música urbana.** Os uniformes, os cartazes, os cinemas e os lares, nas favelas

coberturas quase todos os lugares. E mais uma criança nasceu. Não há mentiras nem verdades aqui só há música urbana. (Russo, 1986)²

Renato descreve muito bem a situação dos excluídos da sociedade no meio urbano. Qualquer semelhança com a cena musical não é mera coincidência.

O que as cenas musicais do cotidiano proporcionam aos educandos? Será relevante discutir em sala de aula com os alunos? O que a vida real tem em comum com os processos de aprendizado dos alunos?

Na expectativa de renunciar algumas metodologias educacionais que não discutem propostas de ensino onde é relevante realidade e o contexto dos educandos, que muitas vezes se afastam da própria vida real, pensou-se em levá-la para dentro da sala de aula. As idéias sugeridas por este trabalho remetem a uma reflexão por parte dos educandos, os quais estão se formando em música, a uma maior conscientização sobre a música marginal, ou seja, a música de rua, a música que ninguém ouve, e que acontecem todos os dias sem que muitas pessoas se dêem por conta.

Existem necessidades urgentes, como aquelas que brotam do contexto social dos alunos, necessidades de um olhar mais sociológico por melhores condições de vida aos excluídos de nosso cotidiano. Então, este trabalho é uma forma de dizer para os estudantes e professores de música, que observem mais a vida fora da sala de aula, sendo que muitas vezes o que mais interessa é a música de padrão erudito e midiática, sendo que se fecham as portas e janelas para a música popular, para as manifestações musicais recorrentes em todos os locais do país e do mundo.

Por que a produção musical das praças, das ruas e calçadas, dos metrô e pontos de ônibus, não estão sendo discutidas em sala de aula? De que forma levar estas discussões aos formadores e estudantes? Este é o desafio a que se propôs este trabalho, que não pretendeu oferecer um plano de aula, dizendo quais atividades fazer, mas sim fazer pensar, pois tamanho é o poder do pensar. Pensar em mais solidariedade, em mais humanidade e respeito aos direitos humanos. Tudo isto é o que falta para que a sociedade e a música melhorem.

² **Obra de referência:** Música Urbana 2; Autor: Renato Russo - Intérprete: Renato Russo / Nome do LP: Dois Número da Faixa: 3 - Lado B Produtora: EMI-ODEON Fonogr. Ind. e Eletrônica Ltda. Distribuidora: Fonobrás Distrib. Fonográfica Brasileira Ltda. Local: Rio de Janeiro; Ano: 1986. Negrito meu.

A vida real tem tudo a ver com os educandos. Os educandos estão em contato direto com a realidade. Então cabe aos formadores um olhar mais atento, um interesse maior pelo mundo que cerca os educandos, mesmo mundo eles próprios vivem.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho, foi possível construir diversos significados, conhecimentos e representações para as cenas musicais narradas, bem como o entendimento de realidades e contextos sociais em que a música está inserida. Possibilitou de tal forma problematizar e contextualizar a realidade social dos sujeitos envolvidos nas cenas, sendo que a música produzida por eles revelou casos de discriminação, injustiça e violência social.

É importante refletir maneiras de como a produção musical informal do cotidiano pode ser considerada fonte de estudo e pesquisa, ao mesmo tempo ser utilizada nos processos de aprendizagem em sala de aula, podendo servir de estímulo para os educandos para que entendam o contexto sócio-político-cultural da sociedade em que vivem.

A linguagem musical encontrada nas ruas, faz muito sentido nas manifestações do dia-a-dia, pois revela significados e verdades escondidas nas entrelinhas, no âmago dos acontecimentos e fenômenos sociais podendo contribuir com os estudiosos de diversas áreas do conhecimento a se aprofundarem e na observação e interpretação destes fatos.

Conclui-se que de certa forma os fatos musicais do cotidiano ressignificam a relação homem-arte-música, pois a música além de ciência é ainda refúgio para muitos em seus desabafos, em noites frias é o conforto para os seres humanos com frio. Louvado seja quem criou a música pois é a arte em que melhor se expressa, seja qual for o sentimento, e manifesta socialmente fortíssimos significados e significantes.

REFERÊNCIAS

LOURO, Ana Lúcia. Narrativas de docentes universitários-professores de instrumento sobre mídia: da relação “um para um” ao “grande link”. In: SOUZA, Jusamara. (org.) **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PASSETTI, Edson. **Conversação libertária com Paulo Freire**. São Paulo: Imaginário. 1998.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol. In: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: v.14, n.2, abr/jun, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9795.pdf>>. Acesso em 05 de abr. de 2010.

SCHWARTZMAN, S.; SCHWARTZMAN, F. F. **O Trabalho Infantil no Brasil**. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2001. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/pdf/trab_inf2004.pdf>. Acesso em: 05 de abr. de 2010.

SOUZA, Jusamara. (org.) **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do IA da UFRGS, 2000.

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar musica no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara. (org.) **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

OLHARES & TRILHAS 116 – **Ouvindo os Sons da Cidade nas Entrelinhas**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharetuilhas/article/viewFile/3551/2599>>. Acesso em 30 de mar. de 2011.